

A LINGUAGEM E AS FORMAS DE APROPRIAÇÃO CONTEMPORÂNEA DAS TECNOLOGIAS

Aureo Guilherme Mendonça

Email: aureo.guilhermemendonca48@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/2172598678026175>

RESUMO

Para analisarmos o tecido rugoso do capitalismo tardio nada melhor do que penetrarmos no espaço rizomático da cibercultura e buscarmos depreender as formas específicas e/ou renovadas de uma linguagem que sinaliza para uma possível autonomia de sentido. Nossa pretensão é realizar um estudo ensaístico partindo de três referências básicas: Cassirer e a filosofia das formas simbólicas, Jacques Rancière e suas políticas da escrita e Pierre Lévy com as tecnologias da inteligência. Ao fim esperamos ter obtido como resultado o levantamento de algumas questões que irão nos orientar em pesquisa que pretendemos desenvolver até o final do próximo ano.

Palavras-chave: Cibercultura, linguagem, autonomia.

Vamos começar retomando velhos conceitos, especialmente o que trata de nossa face maquínica, a versão pós-humana do atual estágio cyborg de nossa atribulada existência. Nossa relação com a natureza sempre reforçou essa predileção pela técnica, não apenas como elemento de sobrevivência, mas como instrumento fundante de uma escala crescente de poder. Quanto mais elevada essa técnica, quanto maior a autonomia humana sobre a natureza. A mesma técnica que fortalece o homem diante da natureza também o transforma em outro ser, cada vez menos humano em seu sentido originário. Somos hoje seres metamórficos, um aglutinado de elementos biológicos e maquínicos, a “espécie humana” pela literatura acadêmica e artística nunca de fato existiu.

A tão decantada inteligência humana se construiu em bases mecânicas, sem as quais ela não teria dado um passo sequer na direção das grandes descobertas da nossa história. E a linguagem é parte constitutiva dessa esfera maquínica, sua criação pressupõe a existência de formas simbólicas unindo grupos humanos com a possibilidade de uma relação dialógica que se travada apenas no âmbito da natureza teria efeito praticamente nulo. Os indivíduos tiveram que criar signos linguísticos para facilitar sua aproximação com o outro. Em contrapartida esses mesmos indivíduos passam por um processo de metamorfose biológica, ao tempo da comunicação oral, no uso que fazem desses novos implementos, como por exemplo, a adaptação de seu aparelho fonador para dar conta fisicamente da fala, com repercussões sobre a estrutura dos neurônios. Já com o surgimento da escrita temos a construção abstrata de uma forma gráfica dos sons que já eram entendidos pelo grupo. A escrita já era a primeira forma de arquivo que pouparia a memória dos excessos de informação. Para alguns autores esta também seria a primeira forma de acomodação do cérebro a um expediente técnico. Na verdade esta é uma questão que nos remete ao problema de considerarmos a técnica como uma facilitadora das atividades humanas, reduzindo o esforço para se alcançar determinadas metas. Mas a questão pode se colocar de outra forma: o homem que poupar seu esforço com as novas técnicas passa a ter mais tempo para pensar em novas criações e assim ir ampliando esse espaço do saber indefinidamente, em uma longa e interminável poíesis.

Assumindo argumentos mais radicais poderíamos considerar que a existência humana tal como a concebemos hoje só poderia ter acontecido a partir da técnica, o que significa afirmar que sem ela os seres humanos não teriam tido a trajetória que tiveram. Na realidade, conforme já sabemos, a técnica precedeu o homem, afinal o desenvolvimento do cerebelo e todo o complexo que o acompanha em termos de mudanças na configuração física e mental foi possível a partir da criação das primeiras formas de implementos técnicos. A partir deles e *pour cause* os hominídeos viraram bípedes e com as mãos soltas e instrumentalizáveis. Fugindo do círculo infinito gerado pela questão do ovo e da galinha, vemos a técnica como nosso elemento fundante, a gênese que do mundo do sensível faz brotar o humano, que assim já nasce como

organismo que se constrói a partir do inorgânico. Em outras palavras: o maquínico sempre esteve sediado em nós.

A construção da oralidade pressupõe essa transversalidade da técnica, afinal podemos conjecturar que a construção dos primeiros sons linguísticos ocorreu a partir da mediação desses objetos que circulavam entre as pessoas dando significado às relações por eles estabelecidas.

Assim, a linguagem torna-se um instrumento espiritual fundamental, graças ao qual realizamos a passagem do mundo das meras sensações para o mundo da intuição e da representação. (CASSIRER, 2001, p. 34)

A própria linguagem entendida como procedimento técnico que amplia o espaço do conhecimento e dá às formas simbólicas um papel proeminente na estruturação dos grupos humanos. Para o próprio Cassirer nossa maior definição e especificidade diante das outras espécies de seres da natureza é exatamente essa capacidade de criarmos um universo simbólico que instrumentaliza nossas relações e impulsiona nossa poíesis. Como “matrioshkas” vamos sobrepondo os signos linguísticos ao longo do tempo e aos poetas cabe, muitas vezes, desencaixá-los revelando antigos significados para vocábulos usuais. Por outro lado, reivindicamos hoje o traço político marcado sobre essas letras em si postas à mesa da neutralidade. Nas palavras de Jacques Rancière

A escrita é política porque traça, e significa, uma re-divisão entre as posições dos corpos, sejam eles quais forem, e o poder da palavra é soberana, porque opera uma re-divisão entre a ordem do discurso e a das condições. (RANCIÈRE, 1995, p. 8)

Primeiro criamos as palavras para nos comunicarmos e estendermos o nosso conhecimento e depois construímos com elas um universo político de dominação e poder que Rancière denominou de “partilha do sensível”. Nesse esquema a linguagem é conduzida pelas camadas dominantes de tal forma que esta procura conceber as estruturas sociais como verdade indiscutível, alguma coisa perfeitamente natural e contra a qual seria um enorme absurdo se rebelar, gerando uma forma de “desentendimento” que não encontra uma saída em negociações formais entre as classes. **Por desentendimento entenderemos um tipo de situação de palavra: aquela em que um dos interlocutores ao mesmo tempo entende e não entende o que diz o outro.**

(RANCIÈRE, 1996, p. 11) Qualquer pessoa que tenha tido a oportunidade de vivenciar uma negociação trabalhista sabe exatamente do que Rancière está falando, porque as dificuldades que as lideranças trabalhistas tem em convencer os representantes patronais sobre as questões em litígio na pauta dos sindicatos, ultrapassa a linha da discussão ideológica do poder de exploração de uma classe sobre a outra e se desvela na percepção de que existe um grande fosso separando os dois grupos na forma do desentendimento, pois as mesmas palavras exercem reações completamente diversas em cada um dos lados em contenda. Transformar isso ao nível do diálogo é praticamente impossível porque seria o mesmo que supor que as mesmas palavras seriam entendidas de forma idêntica por ambos os lados em algum momento das negociações.

Os recentes movimentos populares parecem confirmar a tese de Rancière, pois, para além do diálogo a população restaura a noção de *ágora pública*- e nesse caso nascida a partir das redes sociais – e constrói uma “partilha democrática do sensível” operando um novo tipo de relação em que o entendimento se faz valer pela força das ruas.

A partilha democrática do sensível faz do trabalhador um ser duplo. Ela tira o artesão do “seu” lugar, o espaço doméstico do trabalho, e lhe dá o “tempo” de estar no espaço das discussões públicas e na identidade do cidadão deliberante. (RANCIÈRE, 2009, p. 65)

Essa última questão já nos remete ao nosso terceiro ponto pois nela subjaz o debate do papel das tecnologias digitais como suporte e instrumentalização de atitudes inovadoras e que apontam para as transformações que vivemos nesse início de século. Manuel Castells reforça o papel político das redes ao afirmar que

A internet põe as pessoas em contato numa *ágora pública*, para expressar suas inquietações e partilhar suas esperanças. É por isso que o controle dessa *ágora pública* pelo povo talvez seja a questão política mais fundamental suscitada pelo seu desenvolvimento. (CASTELLS, 2003, p. 135)

Esse espaço público diluído na forma de um rizoma tem a cibercultura como referência e fundamento e o hipertexto é a melhor tradução da presença da linguagem nesse universo digital. A partir desse instante a palavra passa por um verdadeiro

processo de ebulição, como se uma nova dinâmica a reinventasse a todo tempo. Antigos conceitos se renovam sob os novos impulsos e neologismos dão lugar a expressões completamente inusitadas. As regras parecem soçobrar diante da infinidade de novas formas de escrever e falar a língua.

A rede hipertextual instaura-se como um modelo de conexão generalizada e, neste sentido, flunar numa cidade ou navegar por hipertextos evoca um mesmo processo: uma relação descentralizada e rizomática com o espaço. (LEMOS, 2010, p. 125)

A linguagem mais uma vez se antecipa nesse processo de transformações e instaura novas formas de ação sobre o mundo sensível e\ou inteligível. As mensagens na internet se assemelham, muitas vezes, a códigos, textos cifrados, como se estivéssemos diante de uma confraria que requer mecanismos linguísticos próprios, não para restringir a ação de intrusos, mas para qualificar o texto em sua exegese cósmica. Quando tentamos revirar o mundo, a linguagem é a primeira a sofrer os efeitos dos impulsos da mudança. Não se muda o mundo apenas com palavras, mas sem elas também nada se move. O sussurro ou o grito podem ter impactos semelhantes sobre as pessoas dependendo das palavras que os acompanham.

Quando perscrutamos as análises sobre o ciberespaço nos deparamos com sentimentos os mais controversos: desde os mais ufanistas e entusiasmados defensores da vida em rede, até os críticos mais rigorosos que enxergam a cibercultura quase como uma vida paralela que estaria provocando o esvaziamento da energia vital que justifica a existência humana como fruto de um ato da inteligência. Para além desse debate sabemos que é incontestável o papel que a informática exerce hoje sobre nossas vidas e também temos consciência que nossa relação com qualquer processo maquínico transcorre a partir das referências que estabelecemos. Para Pierre Lèvy é mais fácil lamentar o que se considera como decadência geral do que tentar se apropriar das qualidades que se apresentam em nossas relações com o mundo da informática.

É mais difícil, mas também mais útil apreender o real que está nascendo, torná-lo autoconsciente, acompanhar e guiar seu movimento de forma que venham à tona suas potencialidades mais positivas. (LÉVY, 1993, p. 119)

Nesse mesmo texto, Pierre Lèvy propõe uma reflexão acerca do papel dessas novas tecnologias não como prejudiciais à produção do conhecimento, mas, ao contrário, como instrumentos fundamentais para o aprimoramento das categorias do pensamento. Segundo ele, esse processo já podia ser identificado desde os primeiros procedimentos escolares com o uso do dicionário, mapas, tabelas e toda sorte de implementos técnicos.

A escola surge ao mesmo tempo que a escrita; sua função ontológica é precisamente a de realizar a fusão íntima de objetos e de sujeitos que permitirá o exercício de uma outra versão da “racionalidade”. (LÈVY, 1993, p. 162)

Essas **tecnologias da inteligência**, como denominadas por Lèvy, teriam que ser vistas em suas interações positivas na produção do conhecimento.

Quando pensamos nessas tecnologias não podemos nos afastar de um dado primordial nesse debate: a definição do uso que se faz delas vai depender sempre da apropriação pelos sujeitos. O poder do maquínico advém da ação desses sujeitos que conhecem a linguagem própria da rede, do que constitui a essência da cibercultura e podem, a partir desse patamar agir nas infovias com total discernimento de suas ações, atuando poieticamente sobre o universo digital. Quando penso no conceito de “inclusão digital” associo sempre a essa questão, pois só podemos considerar alguém “incluído” na medida em que tenha, de fato, se apropriado das tecnologias digitais na direção de uma autonomia e capacidade de produzir informação e conhecimento para uso de toda a coletividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet – Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose – Um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- LE MOS, André. **Cibercultura – Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. . Porto Alegre: Sulina, 2010
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência – O futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível – Estética e política**. São Paulo: EXO experimental org.; Ed. 34, 2009.
- _____. **O desentendimento – Política e filosofia**. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- _____. **Políticas da escrita**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

SOBRE O AUTOR

Graduação em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestrado em História e Crítica de Arte pela Escola de Belas Artes da UFRJ. Doutorado em Literatura Comparada pela Faculdade de Letras da UFRJ. Atualmente é professor adjunto na área de Teoria e Crítica de Arte

Arte factum

Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia

no Departamento de Artes e Estudos Culturais, Curso de Produção Cultural, no campus de Rio das Ostras da UFF. É coordenador do Grupo de Estudo e Pesquisa em Arte e Tecnologia (GEPAT).